

A formação do educador: desafios de uma nova profissão no contexto das transformações do mundo do trabalho

Claudemir Edson Viana

Professor do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

E-mail: profclaudemirviana@usp.br

Maria Cristina Palma Mungioli

Professora do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

E-mail: crismungioli@usp.br

Roseli Figaro

Professora livre-docente do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e editora da Revista Comunicação & Educação.

E-mail: figaro@uol.com.br

Resumo: Este artigo discute a Educomunicação como perspectiva formativa e competência necessária para o enfrentamento dos desafios contemporâneos em meio às transformações recentes no mundo do trabalho. O profissional de Educomunicação é formado para buscar de forma criativa as oportunidades de promoção das práticas comunicacionais com intenção educativa, de maneira crítica e com potencial transformador. Com esse objetivo, o artigo está estruturado em dois eixos: (1) o diagnóstico sobre as transformações no mundo do trabalho no contexto digital e suas implicações na formação profissional; (2) a proposta da Licenciatura em Educomunicação como formação capaz de oferecer perspectivas de trabalho para um novo profissional que poderá contribuir para a educação das novas gerações.

Palavras-chave: educomunicação; mundo do trabalho; tecnologias digitais; formação em educomunicação.

Abstract: This article discusses Educommunication as a formative perspective and necessary competence to face contemporary challenges considering the recent transformations in the world of work. The professional of Educommunication is qualified to creatively seek opportunities and promote communication practices with educational purposes in a critical manner and with transformative potential. To do so, the article is structured in two axes: (1) the diagnosis of the transformations in the world of work in the digital context and its implications in professional training; (2) the proposal of the degree in Educommunication as a course capable of offering job prospects for a new professional who can contribute to the education of new generations.

Keywords: educommunication; world of work; digital technologies; educommunication training.

A formação do educador

- Claudemir Edson Viana, Maria Cristina Palma Mungiolli e Roseli Figaro

A inter-relação entre a Comunicação Social e a Educação ganhou densidade própria e se afigura, hoje, como um campo de intervenção social específico, oferecendo um espaço de trabalho diferenciado que vem sendo ocupado, em toda a América Latina, pela figura emergente de um profissional a que estamos denominando de “educador”.

Ismar de Oliveira Soares¹

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do presente artigo, discutimos aspectos da formação do licenciado em Educomunicação como profissional capaz de compreender o processo educacional a partir da perspectiva da comunicação e do diálogo, configurando-se como resposta concreta aos desafios colocados pelas transformações no mundo do trabalho.

Entendemos a Educomunicação como perspectiva formativa e competência necessária para o enfrentamento dos temas contemporâneos no âmbito da educação formal e não formal, com vistas à formação de profissionais críticos, criativos e comprometidos com as causas sociais e a cidadania. O profissional de Educomunicação é formado para desenvolver habilidades nas linguagens da comunicação e para promover tecnologias sociais buscando, de forma criativa, as oportunidades de práticas comunicacionais com intenção educativa, de maneira crítica e com potencial social transformador.

No contexto das profundas mudanças no mundo do trabalho, caracterizadas pelas tecnologias digitais, pelas empresas de plataformas, pela economia *big data*, pelo controle e vigilância dos dados privados dos cidadãos, discutimos a contribuição que o perfil de um novo profissional como o educador pode trazer tendo em vista a formação das novas gerações. A estrutura multidisciplinar e aberta para a parceria com os discentes e a sociedade em atividades culturais e científicas, os estágios curriculares obrigatórios em escolas públicas com ênfase em projetos de intervenção fazem da Licenciatura em Educomunicação um curso universitário sensível aos impasses da contemporaneidade, aberto e autocrítico, porque profundamente lastreado em pesquisa e intervenção social.

Destacamos, ao longo do artigo, alguns pontos que têm norteado o trabalho de docentes do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) com vistas a possibilitar o exercício de uma profissão inovadora², e procuramos dar nossa pequena contribuição à reflexão e à prática em torno da formação desse profissional diante da avalanche de transformações em que vivemos. Com tais objetivos, este artigo está estruturado em dois eixos mais a conclusão. Inicialmente, contextualizamos aspectos referentes às recentes mudanças no mundo do trabalho e seus impactos na formação profissional; posteriormente, apresentamos aspectos da Licenciatura em Educomunicação e algumas reflexões sobre a formação profissional; finalmente, passamos às considerações finais.

1. SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/educação emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: NÚCLEO de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: NCE/USP, 2011a. p. 1.

2. MUNGIOLI, Maria Cristina; VIANA, Claudemir; RAMOS, Daniela. Uma formação inovadora na interface comunicação e comunicação: aspectos da Licenciatura em Educomunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 218228, 2017.

2. O MUNDO DO TRABALHO E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM DIAGNÓSTICO

Grandes contingentes de jovens trabalhadores em diferentes continentes e, sobretudo, no Brasil, passam pelo desalento do desemprego³, do trabalho intermitente e precário, sem direitos e baixos salários. Eles e elas se amontoam nas filas por uma vaga, por uma oportunidade. São os mais jovens os líderes das estatísticas de desemprego. Não só os que não têm qualificação, mas também os qualificados passam por esse drama. Como a formação e a educação podem contribuir para transformar essa situação? Para poder responder, é preciso compreender de maneira mais profunda as mudanças no mundo do trabalho e como a comunicação passa a ocupar um papel relevante na formação dos profissionais.

Em grande parte do século XX, desenvolveu-se um tipo específico de organização do trabalho urbano e industrial. A indústria avançou na produção de aparatos para a vida urbana e seu amplo crescimento deveu-se à racionalização dos métodos de trabalho, denominada organização científica do trabalho. Taylor foi o fundador de um método que mediu os movimentos dos trabalhadores, buscando maior otimização e produtividade. Aos seus modelos juntou-se a esteira móvel de Henry Ford, o que deu ganho de escala à produção, ampliando ainda mais a produtividade e os lucros. Por esse método, os seres humanos e as máquinas em operação devem seguir um mesmo ritmo, a atenção do trabalhador deve estar totalmente centrada na tarefa que lhe cabe. A fala é interdita, o controle é hierarquizado e a vigilância é parte intrínseca do processo. Esse modelo também foi implantado no âmbito da educação. As escolas reproduziam o processo de transmissão da informação, unidirecional e reprodutivo.

No entanto, a crise econômica do final dos anos de 1970, o fim da Guerra Fria e os avanços tecnológicos colocaram em xeque o taylorismo/fordismo como modelo de processo produtivo. A polivalência e a flexibilização das funções e o engajamento quase religioso do trabalhador à empresa haviam mostrado, no Japão, depois da Segunda Guerra, o sucesso do modelo de Taiichi Ohno, o toyotismo⁴. O método japonês de racionalização do trabalho chega ao Ocidente nos anos de 1980 (no Brasil, nos anos de 1990) e traz com ele a mudança na atuação do trabalhador para a produção. Nesse modelo, o engajamento, a participação, a equipe, a fala e a ideia fazem parte de uma estratégia que passa a exigir do trabalhador a dedicação não só de seus gestos e corpo, mas também de toda a sua subjetividade: é preciso amar a empresa e fazer por ela o que se faz pela família. A comunicação é um imperativo. A polivalência e a flexibilização são transformações que trazem para o trabalho a otimização de recursos (humanos e materiais). Há aceleração do ritmo de produção, além do aumento da jornada de trabalho⁵, resultando no aumento da produtividade e da lucratividade. Na educação, esse modelo tem sido implantado paulatinamente e prioriza o uso da tecnologia, o desenvolvimento de competências e habilidades de comunicação,

3. Ver: DESEMPREGO é de 11,8% e atinge 12,5 milhões; informalidade tem novo recorde. **Economia UOL**, São Paulo, 31 out. 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2019/10/31/desemprego-pnad-ibge.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 30 dez. 2019.

4. ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

5. Aumento da jornada de trabalho é mais-valia absoluta; aumento do ritmo de trabalho é mais-valia relativa. Mais explicações em: MARX, Karl. Salário, preço, lucro. In: PORTAL Domínio Público. Brasília, DF: Brasil, [20--?]. Informe pronunciado nas sessões do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, 1865. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000077.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2019.

A formação do educador

- Claudemir Edson Viana, Maria Cristina Palma Munglioli e Roseli Figaro

mas pressupõem a incorporação da lógica da concorrência e do individualismo⁶. Esse modelo está ancorado em processos avaliativos quantitativos, que endereçam o educando a determinado modelo de sucesso, de inovação, no qual a formação crítica e humanista é relegada a um segundo plano.

No Brasil, chegamos assim, no século XXI, com o setor industrial bastante transformado em termos de organização da planta das empresas, grande desemprego e grande desindustrialização⁷, uma população com baixo nível de escolaridade, grande parte ainda fora da escola e com a perspectiva de formação tecnicista para atender a políticas neoliberais que reproduzem o modelo colonial de relações econômicas do Brasil com o mundo.

Paralelamente, as tecnologias digitais e a continuidade da reestruturação produtiva trouxeram mudanças profundas no mundo do trabalho e novos desafios para a educação e a formação profissional. Muitas funções e profissões são extintas. As empresas de plataformas – Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft – consolidam-se como conglomerados que controlam amplos setores da produção e de serviços em nível mundial.

A tão sonhada aldeia global, a sociedade do conhecimento e da informação são substituídas pela desinformação, pelas *fake news*, pelas bolhas de consumidores nas redes sociais, pela precarização e total desregulamentação dos direitos dos trabalhadores. O trabalho mediado por empresas de plataformas, a gamificação do trabalho, as fazendas de cliques⁸ e o aprendizado de máquinas por algoritmos criam um ambiente de precarização, instabilidade, *desidentificação* do trabalhador, cujos resultados são sentidos em três níveis: crescimento do capital de financistas; aumento da pobreza e da violência; e desestruturação de democracias (mesmo as liberais). A educação e a formação profissional, nesse quadro, encontram-se diante de dilemas profundos, porque o momento exige ação imediata na preparação das novas gerações, para que sejam sujeitos mais críticos, proativos e com capacidade transformadora. No entanto, escasseiam as oportunidades de trabalho decente⁹, e a liberdade democrática tem sido fortemente atingida pelas lógicas do controle mercantil e a invasão dos dados privados.

Essa análise da situação atual tem sido feita por importantes teóricos, dentre os quais podemos citar Ricardo Antunes, em seu livro *O privilégio da servidão* (2018)¹⁰, que trata da precarização do trabalho, do trabalho intermitente e do trabalho sem salário como aspectos característicos de uma concepção neoliberal que desregulamenta toda a relação capital/trabalho e institui o privilégio da servidão; Ursula Huws, em *A formação do cibertariado* (2017)¹¹, que amplia o tema ao tratar do “cibertrabalho”, ou seja, todas as formas de trabalho vinculadas às tecnologias digitais¹², mesmo aquelas que estão dedicadas à extração de minérios para os componentes eletrônicos. Ela trata da materialidade do trabalho e da necessidade de se compreender a característica que continua dando caráter de classe aos trabalhadores, ou seja, a extração de mais valor do trabalho humano.

6. FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998.

7. Ver: NÓBREGA, Bárbara. Brasil tem terceira maior desindustrialização entre 30 países desde 1970; recuperação está distante. O Globo, Rio de Janeiro, 15 jul. 2019. Economia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/brasil-tem-terceira-maior-desindustrializacao-entre-30-paises-desde-1970-recuperacao-esta-distante-23779863>. Acesso: 20 nov. 2019.

8. Fazendas de cliques são empresas que negociam quantidades de cliques para adesão a um produto, mensagem ou qualquer tipo de informação disponível na internet. São dezenas e até centenas de celulares conectados em sites e redes sociais, reproduzindo cliques. KEDOUK, Marcia. Como funcionam as fazendas de cliques e onde elas ficam. **Exame**, São Paulo, 26 jan. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/conheca-as-fazendas-de-cliques/>. Acesso em: 13 dez. 2019.

9. OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A aplicação e a promoção das normas internacionais do trabalho**. Genève: OIT, 2014. Disponível em: <http://twitter.me/RyWT>. Acesso em: 30 dez. 2019.

10. ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

11. HUWS, Ursula. **A formação do cibertariado**: trabalho virtual em um mundo real. Campinas: Editora Unicamp, 2017.

Aprofundando o diagnóstico das mudanças no mundo do trabalho, é preciso compreender de maneira mais geral como a condição dos trabalhadores está sendo conformada pelas empresas de plataforma. Nesse sentido, Nick Srnicek, em *Capitalismo de Plataforma* (2018)¹³, explica como as empresas Google, Facebook, Amazon, Microsoft, IBM, Spotify, Rolls Royce, Pandora, Zipcar, Uber e Airbnb, entre outras, cada uma com sua especificidade, apropriam-se dos dados de trabalhadores, usuários, parceiros, clientes e fornecedores para operar seus negócios e montar estratégias de lucratividade. Elas dependem de infraestrutura material instalada de redes de cabos e produtos em conexão. Também necessitam da comunicação como um processo racionalizado que institui a possibilidade de funcionamento e existência do negócio. Sobretudo, precisam da passiva convivência dos trabalhadores, principalmente os jovens, em ofertar suas capacidades e inteligências sem reivindicar direitos e reconhecimento. Os produtores de conteúdo para bases de ensino a distância são um exemplo dramático dessa realidade.

No setor econômico da comunicação esse cenário é marcante. As empresas transformaram-se profundamente. O número de postos de trabalho foi reduzido e os aparatos tecnológicos digitais, as redes sociais e a internet alteraram as formas de se trabalhar e as competências necessárias para o desempenho das diferentes profissões da área da comunicação. As novas lógicas do financiamento de mídia, na publicidade, acrescentam ingrediente venenoso nas reconfigurações das profissões na área. Diante de tantas mudanças, não se trata de buscar adaptações e posição de submissão acrítica. Os profissionais da comunicação são hoje mais necessários do que antes, e deles espera-se o compromisso com a sociedade e a busca de qualidade de serviços aos cidadãos, haja vista as amplas possibilidades existentes e, ao mesmo tempo, os enormes entraves dados pela lógica da acumulação, por um grupo cada vez menor de pessoas, das riquezas produzidas socialmente.

Essas configurações das relações de trabalho aprofundam os dilemas da educação e da comunicação. Colocam-se novas perguntas sobre que tipo de formação e preparo profissional pode-se esperar da escola e da universidade. O mundo do trabalho, como aspecto mais amplo que extrapola o lugar do emprego e abrange outras instituições e espaços da vida social e cotidiana, de certa forma, orienta o preparo das novas gerações.

Nossa contribuição, como pesquisadores e educadores da área da Comunicação, é trabalhar para consolidar a formação do perfil do educador, como profissional capaz de se orientar nesse mar revoltoso de mudanças do mundo contemporâneo.

3. A FORMAÇÃO DO EDUCOMUNICADOR ANTE OS DESAFIOS DA ATUALIDADE

Neste cenário social tão complexo em que as tecnologias digitais e em rede estão condicionando formas de pensar, agir e trabalhar, tornando-se um capital

12. O trabalho digital, aquele mediado por plataformas e disponível em rede, como trabalho profissional ou trabalho do usuário, configura-se como a forma contemporânea de o capitalismo – como colonialismo de dados para Mejias e Couldry, ou como capitalismo de vigilância para Shoshana Zuboff – se remodelar e aprofundar a exploração do trabalho em suas diferentes características. MEJIAS, Ulisses; COULDRY, Nick. Colonialismo de datos: repensando la relación de los datos masivos con el sujeto contemporáneo. *Virtualis*, Zapopan, v. 10, n. 18, 2019. Disponível em: <https://www.revistavirtualis.mx/index.php/virtualis/article/view/289/301>. Acesso em: 10 dez. 2019. ZUBOFF, Shoshana. *The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*. New York: Public Affairs, 2019.

13. SRNICEK, Nick. *Capitalismo de plataformas*. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

A formação do educador

- Claudemir Edson Viana, Maria Cristina Palma Mungoli e Roseli Figaro

cada vez mais valorizado, o diagnóstico de investigadores do campo da comunicação, formulado em mais de 15 anos de pesquisas, resultou em uma proposta multidisciplinar em convergência entre os campos da Comunicação e da Educação, originando um novo perfil profissional. A missão que se coloca é a de formar educadores para a promoção de processos que fortaleçam a capacidade e a habilidade dos cidadãos de se comunicar no contexto complexo da contemporaneidade, de forma a exercer o direito de comunicação, da liberdade de expressão responsável. Isso implica saber realizar a leitura crítica de tal cenário, não só de modo a perceber os códigos e as normas conceituais e práticas na sociedade em geral e, em particular, na Comunicação, na Educação e no mundo do trabalho, mas também de maneira que educando e educadores se constituam como sujeitos capazes de saber utilizar e recriar os recursos de comunicação contemporâneos por meio de perspectivas mais participativas e democráticas.

A formação em Educomunicação tem oportunizado discussões, pesquisas e estudos que procuram construir situações, processos e produtos alternativos de conhecimento, em que as raízes da Educomunicação, como prática social, são fomentadas pelos conteúdos e pelas atividades promovidas nas disciplinas, nos eventos, nas produções midiáticas, enfim, em todas as ações ancoradas no projeto político-pedagógico da Licenciatura em Educomunicação.

A criação da Licenciatura em Educomunicação, em 2011, pelo Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, marca a concretização de uma proposta inovadora em termos de formação no Ensino Superior. O curso tem como objetivo formar um profissional com perfil para trabalhar na interface Comunicação/Educação a partir de uma perspectiva transdisciplinar e socialmente responsável, considerando as mediações¹⁴ que se estabelecem, conforme discutido por Soares¹⁵, a partir da intervenção social. A atuação desse profissional ocorre em áreas como: Educação para a Comunicação; usos e apropriações de tecnologias na Educação; gestão da Comunicação no espaço educativo e “reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação/Educação”¹⁶.

Como se pode observar, as áreas de intervenção da Educomunicação desenham-se a partir da complexidade inerente aos estudos da Educação e da Comunicação, demandando para isso um olhar mais interessado em entender as relações, as articulações, as mediações que se dão nos espaços sociais e, mais especificamente, nos espaços de educação formais e informais. Tal olhar remete, conforme enfatiza Morin, à multidimensionalidade não apenas dos objetos sociais, mas também do ser humano:

não devemos esquecer que o homem é um ser biológico-sociocultural, e que os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo, econômicos, culturais, psicológicos etc. Dito isto, ao aspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza¹⁷.

Situando-se na interface entre dois campos complexos e deles compartilhando suas incompletudes e incertezas, a Educomunicação mostra-se como um espaço em constante construção, cujas dinâmicas refletem e refratam a complexidade

14. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

15. SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina (org.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011b. p. 13-29.

16. *Ibidem*, p. 26.

17. MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 177.

de seus objetos teóricos e práticos, inseridos no contexto de transformações profundas do mundo do trabalho e da formação profissional. Para fazer frente a esse cenário, consideramos, juntamente com Soares, que um dos desafios que se colocam é o de se construir ecossistemas educacionais. Tais ecossistemas solicitam do educador ações que se desdobram em práticas:

- a) inclusivas (nenhum membro da comunidade pode sentir-se fora do processo);
- b) democráticas (reconhecendo fundamentalmente a igualdade radical entre as pessoas envolvidas);
- c) midiáticas (valorizando as mediações possibilitadas pelos recursos da informação);
- d) criativas (sintonizadas com toda forma de manifestação da cultura local)¹⁸.

Tendo em vista tais desdobramentos, o currículo da Licenciatura em Educação foi estruturado para criar oportunidades de formação em diversas situações da vida cultural, na exploração de elementos e processos próprios da interface Comunicação/Educação, cujos princípios centrais são organizados pelo eixo filosófico prático da Educação. Tal eixo se caracteriza como prática profissional e social, e também a partir de um conjunto de noções-chave dos fenômenos inerentes a essa interface, sobretudo lastreados na máxima de que a educação é um processo comunicativo, conforme salienta Paulo Freire¹⁹.

A proposta de formação profissional do educador é decorrente de um longo processo de estudos e aplicações sobre a relevância da gestão dos processos comunicacionais a partir das práticas anteriormente apresentadas, elencadas por Soares²⁰. Muitas dessas reflexões ajudaram a embasar a linha editorial da revista *Comunicação & Educação*, fundada em 1994. Também surge da constatação de um novo perfil profissional, identificado na sociedade com a pesquisa fundante²⁰, promovida de 1997 a 1999, pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP.

A formação do educador está constituída, dessa maneira, por pilares filosóficos e por processos comunicacionais presentes no projeto político-pedagógico que deve se realizar ao longo dos quatro anos de curso universitário. No decorrer deste período, espera-se que o discente percorra, da melhor maneira, além das disciplinas que constituem o currículo básico, disciplinas optativas que podem, inclusive, ser de outras unidades e áreas do conhecimento, conforme seus interesses. O núcleo de disciplinas da formação em Educação desafia discentes e docentes para a práxis educacional por diversos meios, como as produções midiáticas demandadas por disciplinas prático-teóricas, ou ainda por meio da realização de projetos de intervenção nas disciplinas de metodologias do ensino presentes na grade curricular do curso, como detalharemos adiante.

Espera-se, como resultado dessa formação, um profissional de perfil qualificado para gerir processos de intervenção social por meio do uso criativo das tecnologias de comunicação e educação a partir de uma visão socialmente responsável, visando propiciar e/ou fortalecer ecossistemas comunicativos mais democráticos, múltiplos e diversificados. Essa práxis dialógica, que se ancora na multiculturalidade e no respeito à diversidade, permite construir ambientes formativos mais horizontalizados,

18. SOARES, Ismar de Oliveira. Educação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011c, p. 37.

19. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

20. SOARES, op. cit., 2011c.

21. SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato**, Brasília, DF, ano 1, n. 2, p. 19-74, 1999. Disponível em: http://www.nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares_RevContato_1999.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.

A formação do educador

- Claudemir Edson Viana, Maria Cristina Palma Mungoli e Roseli Figaro

respeitosos, em que as práticas educacionais entre sujeitos e instituições promovem um conhecimento crítico com valores éticos e democráticos.

O conhecimento científico e profissional em Educação, pretendido ao final da formação na Licenciatura em Educação, encontrará inserção no mercado de trabalho em diferentes situações, áreas e funções, e é contemplado a partir da própria organização epistemológica da Educação em suas sete áreas de intervenção social, a saber: Educação para Comunicação; Pedagogia da Comunicação; expressão comunicativa por meio da arte; mediação tecnológica na Educação; gestão da Comunicação nos processos educativos; produção midiática na Educação; epistemologia da Educação.

Com relação à área de intervenção e mediação tecnológica na Educação, que trata da presença das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) em nosso cotidiano e da necessidade de entendermos seus usos e suas implicações sociais, culturais e cognitivas, notadamente nos processos de Comunicação e Educação, destacamos a necessidade de nos educarmos com base em uma perspectiva mais humanista, cultural, crítica e cidadã, em contraposição a uma postura que se pauta em competências técnicas e cognitivas para o uso individualizado, consumista e competitivo das TIC.

Dessa forma, além da formação do educador para situações práticas, criativas e inovadoras quanto ao uso das TIC e da cultura digital em processos que favoreçam a criação e/ou o fortalecimento de ecossistemas educacionais, a presença das tecnologias digitais no cotidiano apresenta desafios e questões éticas e profissionais ao educador e são objeto de reflexão ao longo do curso, sobretudo em face dos usos nefastos das tecnologias de comunicação para disseminação da desinformação, do discurso de ódio e de *fake news*.

De forma sucinta, a Licenciatura em Educação se configura a partir do objetivo de formar profissionais para atuar (1) no magistério, como professores de comunicação; (2) na área de consultoria – como assessores de projetos de comunicação educativa; e (3) como pesquisadores. Essas três modalidades de atuação se desdobram e se constituem dinamicamente a partir das transformações que vêm ocorrendo de maneira extremamente rápida na configuração dos espaços de atuação de futuros profissionais no mundo do trabalho.

Em termos mais específicos de aquisição de conhecimentos e práticas para o desenvolvimento de atividades em espaços de educação formais e não formais, a Licenciatura em Educação possui em seu currículo três disciplinas com estágio supervisionado, a saber: CCA0316 – Metodologia de Ensino da Comunicação, CA0308 – Metodologia de Ensino da Educação e CCA0307 – Gestão da Comunicação no Âmbito dos Espaços Educativos com Estágio Supervisionado. As duas primeiras se destinam à realização de estágios em escolas públicas de Ensino Fundamental II e Médio. A terceira disciplina apresenta características inovadoras, pois propõe a realização de estágios e projetos em espaços da educação não formal e informal.

As disciplinas CCA0316 e CCA0308 proporcionam aos discentes a experiência de conhecer o cotidiano de escolas públicas de Ensino Fundamental II e Ensino

Médio e de nele atuar por meio de projetos de intervenção. Como característica principal desses projetos, destacamos sua construção a partir de um processo contínuo de observação e de reflexão efetuados pelos estagiários ante a fundamentação teórica e prática que alicerça não apenas tais disciplinas, mas o conjunto de disciplinas que compõem o currículo do curso. De forma resumida, no que diz respeito mais especificamente à questão dos estágios supervisionados, podemos dizer que se caracterizam como elemento integrador na formação do futuro docente, na medida em que têm como objetivo desenvolver uma visão crítica e problematizadora da realidade educacional brasileira, ao mesmo tempo em que procuram estabelecer possibilidades de atuação e de transformação dessa realidade.

Dessa forma, a realização dos estágios supervisionados se configura como uma etapa imprescindível para formação do/a licenciado/a em Educomunicação, na medida em que se concebe o estágio não apenas como a “parte prática” do curso, mas, principalmente, como um momento único para que se construa uma reflexão crítica sobre a sociedade e as formas concretas com que a reprodução das desigualdades se instala na escola. Essa reflexão não se resume à observação crítica em relação às práticas de docentes e aos cursos observados, mas se define principalmente pela constante reflexão em torno dos fundamentos de uma epistemologia da Educomunicação, fundada na transformação social.

Podemos dizer que a principal característica do estágio realizado se enquadra naquilo que Pimenta e Lima afirmam:

[o] método de formação de futuros professores se traduz, de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro, e em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam²².

Essa concepção possui implicações que se desdobram tanto em relação à postura do estagiário diante das situações vivenciadas durante o estágio, quanto em relação aos conhecimentos adquiridos ao longo da Licenciatura. Pimenta e Lima destacam ainda que esse tipo de estágio

pressupõe outra abordagem diante do conhecimento, que passe a considerá-lo não mais como verdade capaz de explicar toda e qualquer situação observada, o que tem conduzido estagiários a dizer o que os professores devem fazer. Supõe que se busque novo conhecimento na relação entre as explicações existentes e os dados novos que a realidade impõe e que são percebidos na postura investigadora²³.

Dessa forma, busca-se a “práxis na qual a ação e a reflexão, solidárias, se iluminam constante e mutuamente. Na qual a prática, implicando na teoria da qual não se separa, implica também numa postura de quem busca o saber, e não de quem passivamente o recebe”²⁴.

Com base nessa concepção e nos princípios e práticas da Educomunicação estudados ao longo do curso, compreendemos a ação docente como prática social – ou mais precisamente, a ação educacional como prática social –,

22. PIMENTA, Selma; LIMA, Maria Socorro. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 46.

23. *Ibidem*, p. 46.

24. FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, p. 80.

ou seja, como uma forma de intervir na realidade social, buscando transformá-la por meio da Educomunicação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise profunda que se abate sobre o mundo do trabalho não é proveniente da mudança tecnológica, mas do uso que se faz dela. A aplicação das tecnologias de informação e comunicação digitais tem sido, na maior parte das vezes, para exacerbar as desigualdades em relação ao acesso às riquezas que a sociedade produz. Sobretudo, estamos passando por uma avalanche de desempregos, de destruição de postos de trabalho, cujas soluções não estão articuladas para mudanças profissionais capazes de acolher o contingente de jovens trabalhadores em idade ativa. Por exemplo, a escola não tem recebido a atenção merecida do Estado para potencializar-se como lugar de desenvolvimento de habilidades e competências tecnológicas, éticas, intelectuais e humanistas que deem conta das necessidades e dos desafios que estão colocados.

A matriz tecnicista e mercantilista que alimenta o mundo do trabalho e a educação precisa ser transformada. A formação de profissionais no espaço da escola necessita enfrentar o dogmatismo, o segregacionismo e o preconceito que vigem de forma geral no senso comum de nossa sociedade. Os educadores estão sendo formados para atuar nessas condições de desigualdades e de profundos problemas éticos quando se trata de direitos humanos e de cidadania.

A missão de tantos educadores, representados aqui pelo nome de Paulo Freire, tem sido incansável. A Licenciatura em Educomunicação e o conjunto de professores e pesquisadores que a criaram e que a alimentam participam dessa tradição brasileira de intelectuais que lutam pela educação pública de qualidade, atualizada e profundamente inserida na vida cotidiana das populações do país, esperando contribuir para que os jovens tenham um espaço no mundo do trabalho decente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

DESEMPREGO é de 11,8% e atinge 12,5 milhões; informalidade tem novo recorde. **Economia UOL**, São Paulo, 31 out. 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2019/10/31/desemprego-pnad-ibge.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 30 dez. 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998.

HUWS, Ursula. **A formação do cibertariado**: trabalho virtual em um mundo real. Campinas: Editora Unicamp, 2017.

KEDOUK, Marcia. Como funcionam as fazendas de cliques e onde elas ficam. **Exame**, São Paulo, 26 jan. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/conheca-as-fazendas-de-cliques/>. Acesso em: 13 dez. 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARX, Karl. Salário, preço, lucro. In: PORTAL Domínio Público. Brasília, DF: Brasil, [20-?]. Informe pronunciado nas sessões do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, 1865. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000077.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2019.

MEJÍAS, Ulisses; COULDRY, Nick. Colonialismo de datos: repensando la relación de los datos masivos con el sujeto contemporáneo. **Virtualis**, Zapopan, v. 10, n. 18, 2019. Disponível em: <https://www.revistavirtualis.mx/index.php/virtualis/article/view/289/301>. Acesso em: 10 dez. 2019.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MUNGIOLI, Maria Cristina; VIANA, Claudemir; RAMOS, Daniela. Uma formação inovadora na interface comunicação e comunicação: aspectos da Licenciatura em Educomunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 218228, 2017.

NÓBREGA, Bárbara. Brasil tem terceira maior desindustrialização entre 30 países desde 1970; recuperação está distante. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jul. 2019. Economia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/brasil-tem-terceira-maior-desindustrializacao-entre-30-paises-desde-1970-recuperacao-esta-distante-23779863>. Acesso: 20 nov. 2019.

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A aplicação e a promoção das normas internacionais do trabalho**. Genève: OIT, 2014. Disponível em: <http://twixar.me/RyWT>. Acesso em: 30 dez. 2019.

PIMENTA, Selma; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

A formação do educador

- Claudemir Edson Viana, Maria Cristina Palma Mungoli e Roseli Figaro

SAVIANI, Dermeval. Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação. *In*: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís (org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 9-21.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato**, Brasília, DF, ano 1, n. 2, p. 19-74, 1999. Disponível em: http://www.nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares_RevContato_1999.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/educação emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *In*: NÚCLEO de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: NCE/USP, 2011a. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. *In*: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina (org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011b. p. 13-29.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011c.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. New York: Public Affairs, 2019.